

Leomar Antônio Brustolin
Antonio Francisco Lelo

INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

Batismo, Confirmação e Eucaristia de Adultos

Livro do catequista



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brustolin, Leomar Antônio

Iniciação à vida cristã : batismo, confirmação e eucaristia de adultos : livro do catequista / Leomar Antônio Brustolin, Antonio Francisco Lelo. – 8. ed. – São Paulo : Paulinas, 2013. – (Coleção água e espírito)

ISBN 978-85-356-3530-0

1. Batismo 2. Catequistas 3. Crisma 4. Sacramentos I. Lelo, Antonio Francisco. II. Título. III. Série.

13-04815

CDD-234.161

Índice para catálogo sistemático:

1. Batismo : Sacramentos : Cristianismo 234.161

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Vera Ivanise Bombonato*

Copidesque: *Anoar Jarbas Provenzi*

Coordenação de revisão: *Andréia Schweitzer*

Revisão: *Marina Mendonça e Ana Cecília Mari*

Direção de arte: *Irma Cipriani*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Capa e editoração eletrônica: *Manuel Rebelato Miramontes*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

8ª edição – 2013

5ª reimpressão – 2019

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2006

Ó Pai, por Jesus Cristo nos fizestes apóstolos,
discípulos e herdeiros, dai-nos, pelos mistérios revelados
nas celebrações e nas catequese, encontrar discernimento
cristão para continuar no *Caminho*.

Introdução

Hoje a Igreja retoma e renova sua consciência missionária: ela existe para evangelizar. Os bispos reunidos em Santo Domingo afirmaram: “A partir da situação generalizada de muitos batizados na América Latina, que não deram sua adesão pessoal a Jesus Cristo pela conversão primeira, se impõe, no ministério profético da Igreja, de modo prioritário, e fundamental, a proclamação vigorosa do anúncio de Jesus morto e ressuscitado”.¹

O mundo mudou, o Evangelho já não permeia toda a sociedade. Em muitos lugares já se vive uma espécie de pós-cristianismo. Sem deixar de ser também doutrinal, a catequese hoje se coloca dentro do dinamismo missionário evangelizador e adquire as características de um real processo de iniciação à fé. Cresce o número de adultos que procuram conhecer melhor a fé cristã para poder optar pelo caminho de Jesus. Em tempo de tantas ofertas religiosas, é preciso saber dar razões da esperança em Cristo (cf. 1Pd 3,15).

A catequese com adultos é um desafio e uma prioridade hoje no Brasil. Os batizados não evangelizados apresentam-se para a catequese sem o mínimo contato com Jesus Cristo. Faz-se necessária uma proposta de iniciação cristã.

Igualmente, faz-se necessário um itinerário de iniciação para os adultos não batizados. Não se devem batizar adultos após uma rápida preparação catequética. Menos ainda utilizando o *Ritual de batismo de crianças*. A partir da idade da razão, há que aplicar

¹ IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Santo Domingo; nova evangelização, promoção humana, cultura cristã. Jesus Cristo ontem, hoje e sempre*. São Paulo, Loyola, 1992. n. 33.

o *Ritual da iniciação cristã de adultos* (RICA) que possui uma metodologia própria para ser vivenciada na preparação catequética.

A proposta deste livro supõe uma nova postura em relação à catequese com adultos. É urgente, ao tratar da iniciação cristã, caminhar para uma síntese que envolva anúncio, liturgia, serviço, comunhão (comunidade) e testemunho. O primeiro objetivo é a adesão à pessoa e mensagem de Jesus, através da mudança de vida, do engajamento na comunidade e no serviço ao próximo como testemunho cristão para o mundo. Os frutos da evangelização e da catequese são a conversão e o seguimento de Jesus Cristo.

Essa conversão de mentalidade não se confunde com o modelo pastoral de conversão preocupado em celebrar os sacramentos às pressas. Os sacramentos não podem ser colocados apenas como ponto de chegada, como simples conclusão de um caminho, sem que os candidatos descubram sua necessária continuidade de aprofundamento em uma vida litúrgica que seja cume e fonte de suas ações na Igreja e no mundo.

O modelo de iniciação, que remonta aos primeiros séculos do cristianismo, é aquele no qual a recepção conjunta dos três sacramentos coloca-se entre uma fase de preparação chamada catecumenato e uma posterior de aprofundamento, a mistagogia. O catecumenato caracteriza-se como um processo progressivo de desenvolvimento da fé. Leva o catequizando a recobrar a imagem e semelhança com Deus, plenitude de amor e da vida nova que acontece na justiça, na paz, na fraternidade, na solidariedade.

Na pastoral, atualmente, é algo novo aplicar a metodologia catecumenal, porque com o passar do tempo a unidade do processo da iniciação foi dissociada pela celebração separada de cada um dos três sacramentos, que acabaram ficando sem relação entre si. A iniciação cristã acontece quando a pessoa recebe os três sacramentos — batismo, confirmação e eucaristia — e também passa por um processo adequado de fé. Na falta de um desses elementos, é necessária uma complementação.

Esse itinerário dirige-se aos adultos e jovens não batizados (chamados de catecúmenos), e adultos e jovens batizados que não percorreram o caminho catecumenal e/ou não receberam os sacramentos da confirmação e/ou da eucaristia.

Este livro não quer ser apenas um conjunto de catequeses mais ou menos ordenadas. Tem a finalidade de celebrar esses três sacramentos dentro de um processo de fé segundo a metodologia do *Ritual da iniciação cristã de adultos*. A pedagogia desse *Ritual* se amolda aos textos catequéticos que tratam a história da salvação e os fundamentos da fé relacionados aos artigos do Creio.

O presente itinerário catecumenal é uma modalidade possível entre tantas formas de concretizar o caminho da iniciação cristã. Traz a novidade de começar os encontros depois da solenidade de Pentecostes e seguir, domingo a domingo, a Quaresma e o tempo pascal do ano seguinte.

As catequeses acham-se distribuídas nos quatro tempos que formam o período da iniciação cristã. Cada etapa é concluída com uma celebração de passagem. Buscou-se uma harmonização entre as celebrações próprias de cada tempo e os temas aprofundados nas catequeses.

Apresentamos os papéis daqueles que se responsabilizam diretamente pela organização catecumenal. É algo envolvente, requer mentalidade nova e compromisso de toda a comunidade paroquial e, quem sabe, diocesana.

Este volume servirá de orientação e guia para a equipe responsável pela animação do catecumenato. Deve ser completado pelo livro do catequizando, que apresenta os textos das catequeses e as celebrações, conforme o RICA.

A iniciação cristã

O tema da iniciação leva-nos a pensar o cristão plenamente identificado com a sua fé. Alguém maduro que descobriu a pérola preciosa do Reino. Retomar, pastoralmente, o conceito de iniciação nos devolve a consciência da unidade que há entre catequese de preparação, batismo de crianças, confirmação, eucaristia e vivência da fé. Afinal, a vida do cristão é uma no seguimento e configuração em Cristo. São todas essas etapas conjuntamente, e não cada uma em separado, que produzem a identidade do cristão, como ser incorporado em Cristo e participante de sua missão no mundo.

Atualmente, as ciências que estudam as religiões valorizaram e ampliaram o conceito de iniciação, porque ele enfoca a unicidade do processo em suas três fases: antes, durante e depois da celebração ritual; como também assegura a meta a ser alcançada: a nova identidade, o novo lugar da pessoa na comunidade, o ser adulto.

O processo apresenta as seguintes características: preparação gradual com a revelação dos mistérios; adesão pessoal; passagem pela morte mística do iniciado; participação da comunidade; começo da vida nova na qual se destacam os novos papéis a ser desempenhados na sociedade; relevância da mediação dos iniciadores.

A iniciação produz uma passagem de um estado ao outro, de um estágio de vida a outro, de um modo de vida a outro. Está na origem de uma série de mudanças que permitem à pessoa ser introduzida na comunidade humana, num mundo de valores, com vistas a uma existência mais perfeita ou a uma missão. O

recém-batizado é introduzido no mundo imaginário que o faz tomar consciência da própria existência.

O mesmo fenômeno, analisado no campo social, alarga sobremaneira a concepção da iniciação e comprova a extensão de seu alcance como processo de transmissão cultural, essencial para a perpetuação dos grupos e das sociedades. Por caminhos insuspeitos e com outras linguagens, jovens e adultos são iniciados em estruturas e em maneiras de pensar que os levam a comportar-se de acordo com os interesses e valores dominantes.

Em muitos casos, há pretensões de abordar as questões fundamentais da vida substituindo-as por bens de consumo; para conseguir tal finalidade, a sociedade utiliza métodos e símbolos próprios. Daí, não será difícil compreender por que muitos cristãos, hoje em dia, não completam a iniciação cristã e entendem a fé apenas como uma forma de estar bem na vida ou de conseguir suprir suas necessidades com a ajuda divina.

MODELO PASTORAL

Em clima de crmandade, a iniciação cristã constituía papel da família e da sociedade: a primeira adesão a Jesus Cristo era suposta, pois o contexto social já levava à prática cristã. A catequese, em geral para crianças, acentuava fortemente a dimensão doutrinal. O grande esforço da pastoral tinha por base alimentar e fortificar a fé. Havia pouca preocupação missionária, pois os esforços concentravam-se mais na conservação e manutenção dos valores religiosos oficialmente proclamados na sociedade do que propriamente promover a evangelização.

Hoje, não se pode contar com uma sociedade religiosamente uniforme. Por isso, o processo da catequese com adultos pretende introduzir a pessoa na relação com o Deus de Jesus, acolher e inseri-la gradativamente na vida da Igreja, proporcionando uma adesão fiel e duradoura a Jesus Cristo e sua mensagem. Esse objetivo vem de encontro à evangelização dos católicos não praticantes, que constituem o maior desafio que a Igreja no Brasil

enfrenta, ao menos do ponto de vista quantitativo.¹ O estilo da catequese catecumenal com adultos responde à necessidade da maioria dos católicos que foram batizados quando crianças e não completaram sequer o caminho da iniciação.

O modelo de iniciação mais antigo da Igreja é aquele no qual a recepção dos três sacramentos que conferem a identidade cristã é preparada pelo catecumenato. Catecumenato é uma palavra de origem grega que quer dizer “lugar onde ressoa alguma mensagem”. É a fase em que os candidatos se preparam para receber os sacramentos do batismo, da confirmação e da eucaristia. Visa a levar os catecúmenos e candidatos à maturidade da fé, à íntima percepção do mistério da salvação e ao conhecimento das responsabilidades advindas do ser cristão.

Até os séculos IV e V, vigorou a iniciação de adultos preparada pelo catecumenato quando, ainda, a maioria dos batizados era adultos. Nesse esquema manteve-se a ordem teológica dos três sacramentos: batismo, confirmação e eucaristia.

Posteriormente, multiplicaram-se as paróquias e persistiu quase unicamente o batismo de crianças. A Igreja do Ocidente preferiu reservar o sacramento do crisma para o bispo para garantir o sinal da eclesialidade da iniciação. Assim, a criança batizada ficava aguardando a visita do bispo para a crisma e somente a partir dos dez anos recebia a primeira comunhão eucarística.

O papa Pio X adiantou a idade da primeira comunhão para os sete anos. Essa idéia se viu reforçada pela compreensão da confirmação como o sacramento do testemunho cristão; portanto, a idade que melhor expressa a consciência de poder tomar uma decisão será a partir dos 14 anos. A ordem teológica dos sacramentos se viu, assim, modificada.

Desde o Concílio Vaticano II, ao dirigir sua atenção para a evangelização dos adultos a Igreja recuperou o catecumenato antigo para criar um processo de amadurecimento da fé. Por isso, recomenda que tanto a catequese com adultos como toda

¹ CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil. 1999-2002*. São Paulo, Paulinas, 1999. n. 233 (Documentos da CNBB, n. 61).

catequese devem inspira-se no processo de iniciação cristã que contempla a fase catecumenal.

RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS

Em 6 de janeiro de 1972, foi promulgado o *Ritual da iniciação cristã de adultos* (RICA), que se configura como um específico e completo itinerário de iniciação. O RICA apresenta a ritualidade completa da iniciação cristã no primeiro capítulo, ritos do catecumenato em torno de suas etapas, como o modo ordinário de iniciar um adulto. A metodologia da iniciação vem descrita na Introdução do Ritual da iniciação cristã de adultos sob o título Estrutura da iniciação dos adultos (nn. 4-40).²

O catecumenato é tomado não como uma escola, mas como uma iniciação de discípulos que descobrem um caminho; por isso contempla o primeiro anúncio. A formação catecumenal, mais do que ser doutrinária, é enfocada como discipulado, cuja característica principal consiste em adquirir um modo de ser e de viver consoante ao de Jesus. É preciso escutá-lo, viver em comunidade e cumprir o mandamento fundamental: amar a Deus e ao próximo. Escutar Cristo significa, primordialmente, compreender o Evangelho e acolhê-lo na fé, confiando em sua sabedoria e aderindo a ele inteiramente.

Conforme o RICA, n. 19: “O catecumenato é um espaço de tempo em que os candidatos recebem formação e exercitam-se praticamente na vida cristã. Desse modo, adquirem madureza as disposições que manifestaram pelo ingresso”. Assim, alcança-se a maturidade nessa fase preparatória; os catecúmenos devem aprender a “praticar a caridade para com o próximo até a renúncia de si mesmos”. Esse exercício supõe, em muitos momentos, morrer para si mesmos para passar com Cristo a uma condição nova.

² Para maior fundamentação do método, estilo e ritos da iniciação, presentes no RICA, consultar: CNBB, *Diretório nacional de catequese*. (Documento de trabalho); LELO, Antonio Francisco. *A iniciação cristã; catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho*. São Paulo, Paulinas, 2005.

O RICA, herdeiro da reflexão do Concílio, segundo *Ad gentes*, n. 14, assume a iniciação como um itinerário de fé que começa no catecumenato e culmina na participação do mistério da fé celebrado nos sacramentos da Vigília Pascal.

O método catecumenal proporciona a formação integral a partir da interação catequese–liturgia–conversão dos costumes, ou seja, do aprofundamento da reflexão da Palavra com a celebração do mistério durante o ano litúrgico e da conversão de vida. Os catecúmenos alcançam a maturidade cristã, chegam à íntima percepção do mistério da salvação por meio de uma metodologia que combina três componentes fundamentais e proporciona-lhes serem iniciados/introduzidos:

- Por uma catequese apropriada, disposta em etapas, relacionada com o ano litúrgico e apoiada nas celebrações da Palavra, os catecúmenos chegam à íntima percepção do mistério da salvação.
- A partir das disposições interiores manifestadas durante o catecumenato, os candidatos adquirem a maturidade espiritual; graças aos ritos litúrgicos, purificam-se pouco a pouco e conservam-se pelas bênçãos divinas. Esse itinerário supõe um processo pedagógico de conversão que deve aumentar sua vivência de fé, esperança e caridade, como resultado da ação do Espírito dispensado pelos ritos sagrados.³
- A relação anúncio do mistério–ação celebrativa–vida ressalta a unidade que se dá entre celebração da fé e vivência cristã. A mesma graça dada na celebração prossegue na vida; o candidato irá praticar na vida aquilo que experimentou com a razão e consentiu na oração; portanto deve anunciar aos outros (testemunhar) a sua nova maneira de ser.⁴

Considerado como parte da iniciação cristã, o catecumenato não é uma supérflua introdução na fé, nem um verniz ou um

³ Cf. RICA, n. 19.3: “Ajudados em sua caminhada pela Mãe Igreja, através dos ritos litúrgicos apropriados, já são por eles gradativamente purificados e protegidos pela bênção divina. Promovem-se para eles celebrações da Palavra [...] junto com os fiéis, a fim de se prepararem melhor para a futura participação na eucaristia [...]”.

⁴ Cf. nn. 19, 98.

cursinho de admissão à Igreja. É, sim, um processo; um itinerário prolongado de preparação e compreensão vital, de acolhimento e participação no mistério da fé, da vida nova revelada em Cristo Jesus e celebrada na liturgia.

Para ser um cristão, de fato, a iniciação demanda tempo de preparação e requer um processo complexo em que, em resposta à graça de Deus, o candidato deve pôr em ação o seu coração, a sua inteligência e a sua maneira de viver. Esse processo ocorre devido ao discipulado, à intervenção da graça própria das celebrações de passagem, dos ritos catecumenais e do tempo da iluminação. Estes irão moldando o coração do cristão e solicitando a resposta aos apelos da Palavra. Igualmente, a convivência comunitária influenciará seu crescimento e o estimulará a testemunhar as boas obras.

O critério da progressividade orienta e organiza as orações e os ritos preparatórios e fundamenta a qualidade do processo educativo. Durante esse tempo, a iniciativa humana será transformada pela graça de Deus e, pouco a pouco, o candidato é introduzido na Igreja, corpo de Cristo. Segue a direção que vai do menor compromisso até o maior empenho, da escuta da Palavra até a mudança de costumes e a prática de boas obras.

O RICA valoriza a livre resposta de fé progressivamente amadurecida e simbolizada nos ritos catecumenais, considerando-a sempre orientada à recepção dos frutos na plenitude da celebração sacramental. Esses elementos, tomados em conjunto, promovem a iniciação do cristão na comunidade eclesial já no tempo do catecumenato.

O *Ritual da iniciação cristã dos adultos* foi restaurado com o objetivo de manifestar o íntimo laço existente entre a ação de Deus, significada pelos ritos, e o progresso do catecúmeno rumo ao batismo. Desenvolve uma pedagogia espiritual, marcada, primeiramente, pelo processo gradativo com que o indivíduo é levado a conhecer o mistério, converter-se de seus costumes e modo de ver o mundo, até ser incorporado em Cristo e na Igreja. Busca formar a fé intelectual, vital e prática.

O dinamismo da vivência da fé, do amor e da esperança sustentado e animado pela formação integral permitirá uma comunhão cada vez maior com o mistério pascal, ou seja, uma participação efetiva na páscoa de Cristo que prepara e antecipa a conformação em Cristo. Essa comunhão na fé desenvolvida no tempo catecumenal ativa a passagem do velho ao novo ser humano.⁵

OS SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO CRISTÃ

O RICA repropõe o lugar e o sentido tradicional do sacramento de iniciação. O ritual tem a tríplice finalidade: significar de maneira nova a unidade da iniciação, marcar ritualmente os tempos do catecumenato e sublinhar o caráter pascal do batismo.

Todo o processo preparatório, em sua fase catecumenal e de purificação, converge para a recepção sacramental, as bênçãos, os exorcismos menores, como também aqueles relacionados aos escrutínios pedem a purificação e o crescimento do indivíduo para que possa receber os sacramentos e os seus frutos pela misericórdia do Pai.

Os sacramentos são um ponto de chegada da preparação do cristão, mas eles constituem também o ponto de partida para um maior aprofundamento. A índole pascal, a Vigília Pascal, centro da liturgia cristã, com sua espiritualidade batismal, será o ápice desse processo, preparada com seus quarenta dias de teor penitencial. O processo ainda contempla o caminho de aprofundamento da experiência sacramental e da progressiva inserção em Cristo e na Igreja nos cinquenta dias de gozo pascal.

A iniciação cristã concebe os três sacramentos em unidade e mutuamente referenciados desde o efeito específico de cada um. A mútua referência dos três sacramentos é pouco matizada nos

⁵ Cf. n. 19.2.

livros de catequese. Justamente, é este dinamismo referencial que garante a unicidade de todo o processo.⁶

PADRONIZAÇÃO DA LINGUAGEM

Hoje em dia, muitas vezes usamos os termos com sentidos muito diferentes. Neste trabalho, entendemos por iniciação cristã todo o processo que o candidato percorre para ser cristão. Esse processo tem uma fase inicial catecumenal, culmina na participação do mistério de fé celebrado nos sacramentos do batismo, confirmação e eucaristia, e tem uma fase posterior, chamada mistagogia. O catecumenato é apenas uma fase do processo.

Muitas vezes, a expressão “catecumenato de adultos” engloba esses três movimentos. Acaba, equivocadamente, entendendo “catecumenato” como todo o processo de iniciação.

O batismo, mesmo sem um processo de fé, inicia a criança. Ao ser batizada na infância, a pessoa já foi iniciada, uma vez que recebeu a luz da fé de forma infusa; resta completar a iniciação com a recepção dos outros dois sacramentos e submeter-se à conversão do período catecumenal. Assim, não consideramos exatas as expressões: “batizado, mas não iniciado”; ou “reiniciar os batizados”; ou, então, chamar de “catecúmeno” quem já foi batizado e, portanto, é cristão. Nesses casos é mais apropriado dizer: “completar a iniciação dos batizados” ou “batizados não evangelizados”.

Aqui consideramos os termos “não batizado” e “eleito” como sinônimos de “catecúmenos”. Para os batizados utilizamos como seus equivalentes “fiéis”, “batizados não evangelizados”, “crismandos”. Referindo-se a ambos os interlocutores em conjunto, sem maiores especificações, dizemos “catequizando” ou “candidato”.

A iniciação acontece de forma completa quando a pessoa recebe os três sacramentos da iniciação e percorre um processo adequado de fé que a Igreja chama de catecumenato. Na falta

⁶ Conferir as catequese no livro dos encontros: preparando o tríduo pascal; sacramento do batismo e da confirmação e sacramento da eucaristia.

de um desses elementos, é necessária a complementação. Por isso, falamos de catequese com estilo catecumenal para quem já recebeu um ou os três sacramentos, mas não percorreu um caminho de fé.

O estudo global do *Ritual* possibilita identificar os elementos principais que compõem o processo unitário da iniciação.⁷ A partir desses elementos principais, temos a chamada pedagogia da iniciação, que oferece condições de traçar o itinerário catecumenal segundo nossas possibilidades pastorais e que se acha em conformidade às orientações do capítulo IV do mesmo RICA: “Preparação para a confirmação e a eucaristia dos adultos que, batizados na infância, não receberam a devida catequese”.

O *Diretório geral para a catequese* fala do estilo catecumenal, por quê? Hoje em dia, é muito difícil estabelecer um itinerário catequético e aplicar a ritualidade completa prevista no capítulo I do *Ritual da iniciação cristã de adultos*; há muitos inconvenientes da vida moderna que impedem uma pastoral segundo essa modalidade. O *Diretório* pede que se conservem os elementos essenciais do catecumenato, que explicaremos posteriormente. Assim, entendemos que uma catequese com adultos, que tenha a finalidade de prepará-los para a recepção de algum sacramento, deverá necessariamente se ater ao estilo catecumenal.

Da mesma forma, uma catequese com adultos que não tenha como finalidade primeira celebrar os sacramentos não precisará seguir as etapas e conter as celebrações previstas pelo RICA.

⁷ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório geral para a catequese*. 4. ed. São Paulo, Loyola/Paulinas, 2003. nn. 90-91.

VISÃO SACRAMENTAL

Nota-se, hoje, uma dificuldade acentuada de conferir ao sacramento o seu justo lugar no processo iniciatório e de reconhecer a realidade da qual é portador. O eixo de sentido do processo de iniciação é dado pela celebração sacramental, não isoladamente, mas como ápice de toda a tarefa evangelizadora. Significado e realidade salvífica que somente os sacramentos podem conferir no tempo da Igreja. O que o anúncio e a Palavra explicitam, o sacramento sela, conferindo a graça transformante e unificadora pela ação do Espírito Santo, para ser vivida como resposta de adesão e de compromisso ao longo da existência da pessoa.

Noções comuns sobre algumas formas de entender o acontecimento sacramental nos ajudam a conduzir o processo catecumenal. A visão inadequada dos sacramentos motiva uma prática pastoral que não corresponde à identidade deles.

O caminho busca desenvolver a mentalidade interativa entre sacramentos e vida, diferente daquela que vê os sacramentos compartimentados, sem mútua relação entre si e desconectados de sua vivência transformadora na sociedade. Referindo-se à interação fé e vida, afirma o *Diretório nacional da catequese*:

Esta interação se estabelece também nas celebrações: o mistério de Cristo anunciado na catequese é o mesmo que é celebrado na Liturgia para ser vivido, pois “pelos sacramentos a Liturgia leva a fé e a celebração da fé a se inserirem nas situações da vida”.¹ Por esse

¹ CNBB. *Animação da vida litúrgica no Brasil*. São Paulo, Paulinas, 1989. n. 92 (Documentos da CNBB, n. 43); cf. III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Puebla*; evangelização no presente e no futuro da América Latina. São Paulo, Paulinas, 1978. n. 922.

método, a vida cristã é discernida à luz da fé e desenvolve-se uma conaturalidade entre culto e vida: “Acolhemos com alegria o atual anseio de, nas celebrações litúrgicas, celebrar os acontecimentos da vida inseridos no Mistério Pascal de Cristo”.²

A integração entre vida e sacramento comporta primeiramente a conversão de mentalidade e de costumes. A busca dessa interação faz compreender os acontecimentos humanos ativamente inseridos no mistério pascal.

Celebrar o mistério de Cristo é celebrar Cristo em nossa vida e nossa vida em Cristo. À luz do mistério pascal, a caminhada do continente latino-americano, marcado pelo mal e em busca de uma libertação integral, deve ser interpretada como processo pascal.³

A vida de cada um, a vida da Igreja e a caminhada do continente latino-americano são vividas e entendidas como processo pascal, caminhada pascal, vida pascal no Espírito Santo. A nossa Páscoa é fruto da Páscoa de Cristo. Nela Deus interveio definitivamente na história, derrotando as forças da morte e libertando-nos com seu Filho, que se fez um de nós, solidário nas alegrias e nas tristezas. O Espírito de Cristo impulsiona-nos a continuar sua missão até que todas as dimensões da vida humana estejam impregnadas da realidade do Reino:

A ação litúrgica é memorial [...]; tem a força de tornar presentes as realidades futuras, levando os que a celebram a se inserirem no projeto de Deus. Como torrente de graças transbordando na história, o memorial celebra também, em Cristo, os acontecimentos da vida do Povo de Deus. Os milhares de homens e mulheres, individual ou comunitariamente, sob a ação do Espírito Santo, enchem de vida, sentido e luz a sua história, revivendo nela o mistério pascal de Jesus Cristo.⁴

² CNBB, *Animação da vida litúrgica no Brasil*, cit., n. 50.

³ Idem, n. 205.

⁴ Cf. n. 65.

A Páscoa acontece hoje, quando participamos da paixão de Cristo, pelo nosso serviço e nosso amor, pelo oferecimento de nossa vida, de nossos sofrimentos, pelo compromisso de servir aos irmãos na construção do Reino.

SACRAMENTOS E SEGUIMENTO DE CRISTO

Os sacramentos não nascem apenas de algum mandamento prescrito exteriormente; têm sua fonte na caridade de Cristo para com a humanidade: Cristo que doa inteiramente sua vida, com o coração de Bom Pastor, e que veio para salvar a todos. E o signo de buscar aqueles excluídos pela sociedade, como os leprosos ou os sem proteção, como a viúva que perdeu seu único filho (cf. Lc 5,12-26; 7,11-17), mostra, com maior evidência, sua misericórdia e compaixão universal. A dimensão transformadora da fé aparece como uma constante a ser ressaltada no culto litúrgico e na forma de pensar o simbolismo sacramental, “[...] passa a ver os sacramentos como celebração da presença de Jesus no meio da comunidade e como compromisso com o Reino [...]”.⁵

Jesus passou fazendo o bem, veio para dar vida, e vida em abundância (Jo 10,10) [...]. Colocou-se ao lado dos indefesos, dos marginalizados, dos oprimidos e até dos estrangeiros e dos pecadores. Emprestou-lhes a voz, transmitiu força messiânica e a misericórdia do Pai. Com isto agiu contra a marginalização e combateu um sistema de profunda exclusão social, econômica, política e religiosa [...].

Seu coração misericordioso e compassivo estava em profunda sintonia com o sofrimento do povo empobrecido, o qual aprendeu a ver nele uma novidade em pessoa (Lc 4,18).⁶

Os efeitos de graça simbolizados pelo sacramento colocam-se em continuidade aos gestos libertadores de Cristo impulsionados

⁵ CNBB. *Catequese renovada*; orientações e conteúdo. 7. ed. São Paulo, Paulinas, 1984. n. 305 (Documentos da CNBB, n. 26).

⁶ IDEM. *Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome*. São Paulo, Paulinas, 2002. nn. 27-28 (Documentos da CNBB, n. 69).

pelo Espírito e estão destinados a gerar mais vida, a proteger e a salvar aqueles hoje ameaçados, tais como os que outrora foram alvo da solicitude do Salvador. A pessoa e a missão de Jesus constituem o fundamento da ação sacramental e mostram o vigor profético de sua atuação messiânica. Eis uma bela forma de apresentar os sacramentos, como símbolos continuadores da missão de Cristo de curar, salvar e evangelizar os pobres no tempo da Igreja (cf. Lc 4,16-24):

Em Jesus, o Reino de Deus está próximo⁷ e é já realidade presente.⁸ O Reino de Deus, na verdade, é um acontecimento que coincide com a pregação e o ministério de Jesus, sendo ele mesmo a Boa-Notícia: através do anúncio e da práxis de Jesus, Deus mesmo intervém de maneira decisiva e definitiva na história humana.⁹ A vinda do Reino é reconhecível pela fé¹⁰ nos sinais que Jesus realiza: no sentar-se à mesa com os pecadores,¹¹ nos milagres,¹² nos exorcismos,¹³ na escolha dos Doze,¹⁴ no anúncio da Boa-Nova aos pobres,¹⁵ no reconhecimento e valorização da dignidade das mulheres, nos gestos de salvação e libertação em favor dos pobres, humildes e pecadores.¹⁶ O Reino de Deus é, sem dúvida, um acontecimento que se manifesta no coração humano — pois é interior à relação com Deus pela fé e pela conversão¹⁷ —, mas também se manifesta nas relações entre as pessoas e nas estruturas que lhes correspondem.

A graça recebida nos sacramentos gera os frutos de justiça e de serviço aos pobres, que o Espírito inspira como seguimento do caminho aos discípulos. Caminho que é a sua missão neste

⁷ Cf. Mc 1,15; Mt 4,17; 10,7; 21,1.34; 26,45-46.

⁸ Cf. Mt 12,28; Lc 10,18; 11,20.

⁹ Cf. Lc 17,20-21.

¹⁰ Cf. Mt 16,1-3.

¹¹ Cf. Mt 9,12; Lc 7,36-50; 19,1-10.

¹² Cf. Mt 11,4-5.

¹³ Cf. Mt 12,25-28.

¹⁴ Cf. Mc 3,13-19.

¹⁵ Cf. Lc 4,18.

¹⁶ Cf. Mt 11,2-6.

¹⁷ Cf. Mc 1,15; 10,15; Jo 3,3.

mundo, para a qual Jesus foi ungido no dia de seu batismo (cf. Lc 3,21-22). Ele mesmo apresentou-a em Nazaré, sob o impulso do Espírito (cf. Lc 4,16-30), e a vemos cumprida conforme responde aos discípulos de João Batista: os cegos veem, os coxos andam, os mudos falam e os pobres são evangelizados (cf. Lc 7,18-23). A prática de Jesus é continuada no mundo pela Igreja:

A obra de Deus, inaugurada em Jesus de Nazaré, não é diferente daquela que se realiza na Igreja, pois nela age e se faz presente hoje, na força do Espírito, o mesmo Senhor Ressuscitado. O que, pois, se realizou no tempo de Jesus, como sinal do amor de Deus, promoção da justiça e da libertação, a Igreja é chamada a realizar.¹⁸

Deus continua sua obra criadora e salvadora no mundo; por isso, a partir de uma visão sacramental, a Igreja aprende “a descobrir e a reconhecer os sinais da presença de Cristo e da ação do Espírito” na história,¹⁹ como lugar atual da revelação do Senhor. A razão desse princípio leva a Igreja ao encontro do ser humano em sua situação procurando encarnar o Evangelho. “Esse dinamismo da encarnação faz a Igreja ser evangelizadora no seu ser e agir, no que ela diz e faz, continuando a missão de Jesus até o fim dos tempos.”²⁰

Sua atuação é possível porque “Deus age no mundo pelo Espírito. Cremos que o Espírito se manifesta particularmente na Igreja e em seus membros, mas sua presença e ação são universais, sem limites de espaço ou de tempo”.²¹ “Esse é o mesmo Espírito que agiu na encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus e atua na Igreja. Ele não pode, pois, ser dissociado da presença e da ação do Filho de Deus, como se fosse uma alternativa.”²²

¹⁸ CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil. 1999-2002*. São Paulo, Paulinas, 1999. n. 77.

¹⁹ Idem, n. 78, citando *Redemptoris missio*, n. 56.

²⁰ Idem, n. 79.

²¹ Idem, n. 81.

²² Idem, n. 82.

SACRAMENTO E REALIZAÇÃO SALVÍFICA

A visão tradicional da Igreja mostra a unidade da história da salvação. Segundo o conhecido esquema, a profecia do Primeiro Testamento tornou-se patente na realização em Cristo e agora, no tempo da Igreja, o Espírito Santo torna sacramentalmente eficaz o símbolo celebrado na Igreja. Como exemplo, podemos tomar a bênção da água batismal: ela rememora os fatos salvíficos do Primeiro Testamento em torno da água, o batismo de Jesus e o seu lado aberto na cruz, e então pede ao Pai para fazer brotar para a Igreja a água do batismo pela graça do Espírito Santo.

Nesse ponto, vale lembrar que toda liturgia, e por conseguinte todo sacramento, é um evento tridimensional: comemorativo de um fato passado (memorial da Páscoa do Senhor), demonstrativo da graça desse mesmo acontecimento (portanto eficaz e atual, porque realiza o que significa), prognóstico ou profético (antecipa a glória futura, já é penhor/garantia/posse parcial da vida nova, do Reino, das bem-aventuranças).

A catequese, especialmente dos séculos III a V, inculca a ideia de que os sacramentos se situam na linha das grandes obras de Deus nos dois testamentos; que perpetuam, no tempo da Igreja, as maravilhas de Deus que perpassam a História Sagrada; que eles mesmos são acontecimentos salvíficos de primeira ordem:

Um dos elementos essenciais das catequese desta época é relacionar os sacramentos com determinadas passagens maiores do Antigo Testamento, ver seu cumprimento em Cristo e localizar o sacramento como continuidade histórico-salvífica destes mesmos fatos.²³

A obra sacramental faz parte desta relação: Primeiro e Segundo Testamentos e celebração litúrgica atual, cujo fio condutor é o Espírito Santo. A categoria tempo é transcendida pela ação do Espírito que garante o protagonismo da Trindade e a unidade do plano salvífico em cada uma de suas etapas, o que resulta no grande realismo da obra sacramental.

²³ Cf. DANIELOU, J. *Sacramentos y culto según los SS. Padres* (= Cristianismo y hombre actual, n. 9). Madrid, 1962 (= *Bible et liturgie; la théologie biblique des sacrements et des fêtes d'après les pères de l'Église*. 2. ed. Paris, 1958).

O tempo das profecias (Antigo Testamento), a realização das promessas por Cristo (sua vida e o mistério de sua Páscoa) e o tempo da Igreja (continuador das obras e missão de Cristo) somente são possíveis porque é o único Espírito que atua e dá unidade a toda a história e faz do nosso tempo, *kairós*, tempo de graça e de salvação. De tal sorte que o sacramento celebrado hoje na comunidade é continuidade da única história de Deus na vida dos humanos.

O sacramento tem seu eixo de sentido na Páscoa de Cristo e está em continuidade com seus atos salvadores que acontecem no tempo da Igreja, encarregada por ele de continuar sua missão no mundo, porque nela atua a força do Espírito do Ressuscitado.

O itinerário catequético, mesmo obedecendo à sequência da história salvífica ou dos artigos do Creio, constituirá uma unidade a partir do anúncio catequético, da ritualidade própria de cada tempo e da conversão dos costumes.

No Brasil, os textos catequéticos trazem os temas da história da salvação: criação, êxodo, profetas, Jesus Cristo, Espírito Santo, Igreja, sacramentos. Muitos desses livros apresentam o conteúdo de forma inadequada, não ressaltam suficientemente o nexó fundamental entre história da salvação e acontecimento salvífico celebrado no sacramento.

Por exemplo, um deslize muito comum é não encontrar ligação entre êxodo, morte e ressurreição de Cristo e última ceia. A eucaristia passa a ser tratada em continuidade à última ceia, chegando-se a afirmar que é sacramento da ceia do Senhor. O sacrifício de Cristo ficou esquecido lá atrás quando se estudou a crucifixão de Jesus. Prefere-se continuar com a dicotomia entre sacramento e sacrifício. Deixa-se de lado o esforço atual de apresentar a eucaristia como memorial pascal, sacrifício sacramental da morte e ressurreição do Senhor.

Não se associa o sinal sacramental com o seu conteúdo. Deixa-se de entendê-lo como realização atual da única história da salvação. É visto parcialmente, sob os efeitos que produz e sem continuidade com os conteúdos tratados anteriormente. Dessa forma, o sacramento acaba tendo vida própria; a história

da salvação e a obra sacramental passam a ser coisas diferentes. Não se parte de Cristo, sacramento original do Pai e da Igreja, seu sacramento principal.

Método mistagógico

A mistagogia, iniciação nos mistérios, é um método largamente utilizado pelos Padres da Igreja. Ela alcançou sua máxima expressão no século IV, e foi aplicada nas homilias dadas aos recém-batizados (neófitos) nos domingos do tempo pascal, as chamadas catequese mistagógicas. Para os Padres, a mistagogia é

um ensinamento organizado para fazer entender aquilo que os sacramentos significam para a vida, mas que supõe a iluminação da fé que brota dos sacramentos; aquilo que se aprende na celebração ritual dos sacramentos e aquilo que se aprende vivendo de acordo com o que os sacramentos significam para a vida.²⁴

Ao dirigir-se aos recém-iniciados, os Padres demonstram, com uma linguagem própria, o acontecimento sacramental em continuidade histórico-salvífica, a profunda transformação ocorrida no candidato, a qual dura para toda a sua vida. O método mistagógico identifica três elementos:

- a interpretação dos ritos sacramentais celebrados à luz da história da salvação (o que aconteceu no Primeiro Testamento torna-se plena realidade em Cristo);
- a valorização dos sinais sacramentais (água, óleo, pão...) que possibilitam a introdução dos fiéis no mistério celebrado;
- a abertura que o fiel deve manifestar para as tarefas eclesiais e de transformação do mundo como expressão da nova vida em Cristo.

A linguagem litúrgica possui expressões e método próprio de que a catequese poderá se enriquecer colocando-se a serviço

²⁴ PINELL, J. L'anno liturgico, programmazione ecclesiale di mistagogia. O *Theologos* 6 (1975), p. 27, citado por: AUGÉ, M. *Espiritualidade litúrgica*; "oferecei vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus". São Paulo, Ave-Maria, 2002. p. 77.

do mistério comunicado para que seja frutuoso na vida do fiel, pois reza com a boca e entende com o coração.

O método mistagógico parece pouco explorado e consequentemente a interação anúncio do mistério–celebração–vivência dá-se por subentendida. Porém, os sacramentos e a liturgia não recebem seus devidos lugares.

Vale a pena voltarmos a uma catequese que privilegie o uso de símbolos como são celebrados no culto litúrgico. Do contrário, todo sinal ou simbologia indiscriminadamente terá lugar na catequese, fazendo com que o catequizando não encontre elementos para associá-lo ao gesto propriamente litúrgico e a celebração continue enigmática, algo especializado e fastidioso.

O aprofundamento da mistagogia, enquanto inserção no mistério da fé, leva-nos a tomar alguns cuidados na catequese que nem sempre são estimulados. A educação dos gestos e dos símbolos empregados na liturgia leva-nos a valorizar o significado do rito celebrado. Um bom método é partir do sentido antropológico daquele sinal (do significado corriqueiro e cotidiano), em um segundo nível notar como este aparece na Bíblia e depois analisar o significado que adquire ao ser usado na celebração. Destes três níveis chegamos a um quarto: extraímos o compromisso cristão que o mesmo rito anuncia, celebra para suscitar a fé vivida.²⁵

O compromisso com o dom recebido nos sacramentos configura a trajetória da vida, comporta exigências éticas que posicionam o ser cristão na história. Há um conjunto de valores que revela sua identidade e leva a uma prática existencial de conformação vital a eles. O neófito foi transformado para viver em Cristo e no Espírito.

Como nossas celebrações se enriqueceriam se esta convicção de fé, tão presente nos inícios da liturgia da Igreja, tomasse conta da fé do povo que participa de nossas celebrações! Toda a ação celebrativa coloca-se em progressão no tempo da salvação que caminha para a plenitude escatológica, “até que ele venha” (1Cor 11,26). Facilmente se compreende que toda ritualidade é

²⁵ Cf. LELO, Antonio Francisco. Mistagogia: participação no mistério da fé. *Revista Eclesiástica Brasileira* 257 (2005), pp. 64-81.

acontecimento da Palavra, que se faz gesto, que produz os mesmos efeitos de graça demonstrados pelos profetas e apóstolos no desenrolar da única história salvífica. Assim, os acontecimentos da Escritura alcançam o fiel no memorial celebrado.

Vemos que o catecumenato adquire feições próprias de um discipulado, do seguimento de Cristo, e consegue assim superar a histórica barreira da catequese concebida unicamente como doutrina, bem como a da liturgia vista como ato devocional ou cumprimento do dever de religião. O objetivo é um só: ser configurado no mistério da Páscoa de Cristo.